

TEMPOS DE INFÂNCIA, TEMPOS DE ESCOLA: A ORDENAÇÃO DO TEMPO NA VIDA DAS CRIANÇAS

LUCAS VARGAS BOZZATO¹; ANDRIZE RAMIRES COSTA²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – lucasbozzato2@gmail.com

²Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – andrize.costa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A sociedade ocidental pauta seu modo de produção de vida sobretudo no apressamento, com vista no desempenho, lucro, acumulação e no consumo. Esta concepção do estrangulamento do tempo no cotidiano das crianças vai de encontro com o que HONORÉ (2007) propõe como a lógica do “tudo rápido”, o qual explica que o gerenciamento da infância entende que se deva naturalizar esse processo nesta etapa, afim de contribuir para um processo de adultização. Neste sentido, evidenciamos, mediante a sociedade atual, crianças mais estressadas, deprimidas e impactadas pela corrida contra os ponteiros do relógio.

O uso racional, controlado e rígido do tempo na escola, apresenta uma concepção da criança e da própria escola enquanto um sistema meramente produtivo que não comporta outras temporalidades (FERNANDES; MIGNOT, 2008). Ademais, este controle parece pouco se importar com a sensibilidade e a subjetividade da criança ou com seu presente. A Educação Física, a qual possui um papel fundamental de propor um espaço para que as crianças se expressem através do movimento, muitas vezes acaba por contribuir para o “encurtamento da infância” em um meio para a formação de uma vida produtiva, impondo o sentido e significado ao próprio mundo mais essencial da criança: seu brincar (COSTA et al., 2013).

Cronometrar, medir e estimar seu brincar não faz sentido para o mundo infantil, pois a criança não espera nada com seu brincar, além do ato em si. Ela volta sua atenção ao presente e por isso articula suas práticas para além de se desenvolver, mas também resistir ao mundo adulto, usufruindo de elementos que possam suprir suas necessidades enquanto um ser que imagina, fantasia, experimenta (KUNZ, 2017).

Assim, partindo destas considerações iniciais, o objetivo deste trabalho é refletir acerca do direito e da importância do tempo das infâncias, em um contexto onde as crianças têm suas subjetividades desconsideradas e, portanto, os sentidos e significados que elas próprias atribuem ao seu brincar, sonogados.

2. METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, onde me debrucei sobre concepções teóricas filosóficas sobre o tempo para sanar inquietações e trazer reflexões quanto ao tempo de ser criança. Este resumo faz parte da minha pesquisa como Bolsista na modalidade de iniciação científica (PIBIC/Cnpq), o qual tive o intuito de apresentar possibilidades para a Educação Infantil que sejam significativas para o mundo da criança.

No primeiro momento utilizei estudos que pudessem elucidar uma concepção de criança que se aproxime de sua totalidade, para tanto utilizei a teoria filosófica de movimento humano “Brincar e Se-movimentar”, concebida por Elenor

Kunz e desenvolvida por seus orientandos, em que compreende a criança como um ser brincante, a qual se comunica através do brincar com o mundo com os outros e com ela mesma (KUNZ, COSTA, 2017). Esta teoria perpassa as subjetividades do ser criança, de forma que todas estão em harmonia em seu livre “Brincar e Se-movimentar”, portanto a teoria contempla estudos voltados ao tempo e espaço de vida da criança em paralelo o impacto sobre este de ações e reações de nós adultos.

No segundo momento me propus a apresentar elementos para pensar nosso tempo como adultos e como ele se vai se apropriando da temporalidade infantil a partir de autores relevantes na área como: COSTA; KUHN; HONORÉ; ELIAS; para que no terceiro momento possamos falar sobre esse conflito entre tempos, com a finalidade de introduzir as questões e reflexões finais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 ESTOU DE BRINCADEIRA!

O espaço e tempo das crianças possuem diferentes nuances. O espaço condiz ao protagonismo da criança ao seu brincar, ou seja, ela impõe seus próprios sentidos e significados, os quais se (re) materializam através de sua imaginação e fantasia. Do outro lado o tempo, o qual é ligado quase que exclusivamente ao presente (KUNZ, 2017). O tempo das crianças tão somente não condiz ao do relógio, mas sim, correspondem ao seu tempo vital. STAVISKI; KUNZ (2017) explicam este tempo vital como seu próprio tempo de vida, em que sua atenção e intenção é direcionada ao tempo presente, ou seja, ela não brinca pensando em consequências ou resultados futuros como nós adultos, mas sim, porque esse é seu modo mais natural de existir.

COSTA (2021) elucida essa diferença através de uma analogia aos deuses *chronos* e *kairós* ou *Aeon*. O primeiro é representado pelo tempo instrumentalizado, matemático e quantificável, o qual a todos enquadra e oprime. Por outro lado, *kairós* e *aeon*, o tempo existencial e fenomenológico com significância em si mesmo, é atribuído pela autora ao brincar das crianças. Portanto, o adulto, localizado em *chronos*, enquadra e controla o tempo com o intuito de potencializar as atividades para as crianças, pois para ele, não faz sentido um tempo vivido e pleno em si mesmo, como o brincar (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004).

CUNHA; COSTA; KUHN (2014) explicam que o tempo do brincar é orientado pelo sentimento de sua duração em relação a sua própria ação, ou seja, como seu brincar é alicerçado pelo prazer, essa sensação é mais intensa e alongada, possuindo até mesmo um caráter de “vai e volta” quando a criança sente seu “recomeço saboroso” de algo que não se extingue, dando-lhe a sensação mais ampliada e intensa o qual não a permite ter preocupações com o futuro.

3.2 TIC-TAC MODERNO

De acordo com ELIAS (1998), o tempo é visto como o transcorrer de nossas vidas, fazendo com que pensemos muito em nosso futuro sem nos atentarmos ao presente. Neste sentido, o relógio, ferramenta feita por mãos humanas, assume o papel de controlar e palpar o tempo, calculando e encurtando o espaço, características fundantes da sociedade ocidental.

HONORÉ (2007), na lógica do culto ao “tudo rápido”, traz a criança como destaque para termos de organização de estruturas pedagógicas. Essa atenção ao

ponto de partida reforça comportamentos, atitudes e habilidades para uma sociedade competitiva que parece “correr sem parar”, mesmo que, muitas vezes, pareça não saber bem para onde corre.

A escola por sua vez, diante da pressão socioeconômica e das exigências produtivas, glorificou uma identidade para a criança pautado no sucesso na aquisição de competências e habilidades. COSTA, KUHN E ILHA (2019) elucidam esta identidade inerte, quando a localiza em um meio competitivo em que não prioriza o espaço e tempo vital, isto porque há a necessidade de mecanismos de controle por parte dos adultos, justamente para garantir esse projeto de sociedade produtiva: o tempo dos períodos seguido de um sinal para a troca de professores, a hierarquia na sala, a intimidação de posturas, entre outros. Neste caso, parece possível inferir que o tempo da infância vem sendo cada vez mais colonizado (sem parcimônia) pelo mundo adulto.

Reconhecemos e concordamos que os adultos possuem responsabilidades para com a formação de novas gerações. Porém, a crítica se coloca no sentido de que, para assumir suas responsabilidades frente a isso, o mundo adulto não pode colonizar com tamanha intensidade o mundo infantil, a qual parte de seu tempo até a exploração da infância como fonte de lucro (brinquedos, roupas, entre outros). Como consequência paradoxal, se percebemos por um lado, o “encurtamento da infância”, por outro, percebemos o “alongamento da adolescência”, ou seja, adultos que parecem não conseguir sair de sua condição adolescente, por consequência, mantendo características desta fase, tais como, crise existencial, insegurança, conflito geracional, entre outras.

3.3 TEMPO CONTRA O TEMPO

A “cronometrização da vida” na busca pelo controle do tempo e, portanto, do espaço, faz com que deixamos de apreciar processos e sentimentos. Se é no presente que encontramos a atenção das crianças, porque nos ater quase que exclusivamente ao que ela pode vir a ser no futuro? Certamente, a produção da vida não pode se resumir ao tempo presente pelo risco de uma absolutização do presente. Projetar cenários de futuro é uma potencialidade humana que não podemos abrir mão. Porém, há de se considerar que esta é uma característica que se funda na adolescência e se institui de maneira intensa na vida adulta. Já na infância, a produção da vida se funda no presente, na experiência do momento, experiência que se coloca com uma admirável intensidade, algo que necessitamos considerar, aprender e respeitar.

Para finalizar, o brincar, então teria, de fato, algum tipo de medida? Seu tempo caberia em um relógio? “Apostar” na estrutura temporal cronológica como modo exclusivo de pensar a infância, em um mundo que “corre” e que não se deve “perder tempo”, não nos parece a melhor aposta.

O tempo *kairós*, presente especialmente no brincar da infância, representa uma possibilidade de mundo que deve ser considerada como fonte de aprendizado para a produção da vida nas mais distintas sociedades que constituem o planeta. A corrida para uma vida de “sucesso”, ser “o melhor” perante a exaustiva competição que este modelo de sociedade projeta, exige nosso tempo de reflexão, ponderação e ação, na direção de compreender que outros mundos são possíveis.

4. CONCLUSÕES

Parece que esquecemos que crianças são doutoras na arte do brincar, como forma de produção da vida inerente a sua condição humana. Ao que parece, desconsideramos a possibilidade de aprender com o brincar infantil, se de fato déssemos atenção, teríamos referências significativas para refletir acerca do que fazemos ao longo de nosso próprio “desenvolvimento”, afinal, o que estamos fazendo?

Há uma preocupação com o momento atual, o qual as crianças se encontram em isolamento impedidas de brincar e se movimentar livremente, seja com seus pares ou até mesmo com a natureza. É necessário levar as reflexões para um debate pós pandemia, no momento em que veremos o resultado de uma geração de crianças que tiveram seu tempo de ser criança interrompidos. O isolamento social é de veras necessário para o atual cenário pandêmico, mas a discussão deve ser ampliada para acharmos uma cura de nossos antigos vírus infantis, os quais tolfhem sua curiosidade, sua voz e sua liberdade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, A. R. As crianças e o brincar no contexto escolar: tempos (in) sensíveis. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 42, 2021.

COSTA, A. R.; KUHN, R.; ILHA, F. R. S. O GOVERNO DOS CORPOS E A REGULAÇÃO DAS LIBERDADES INFANTIS. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), v. 25, p. 25083, 2019.

CUNHA, A. C.; COSTA, A. R.; KUHN, R. Entre o tempo dos relógios e o tempo fenomenológico: a criança e o brincar. **Revista Internacional de Deportes Colectivos**. 19, 138-150, 2014

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FERNANDES, R.; MIGNOT, A. C. V. (Orgs.) **O tempo na escola**. Porto: Profedições, Ida, 2008.

HONORÉ, C. **Devagar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

KUNZ, E (Org.). **Brincar & se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança**. 2ª Edição, Editora Unijuí, 2017.

KUNZ, E.; COSTA, A. A imprescindível e vital necessidade da criança: “Brincar e Se-movimentar”. In: KUNZ, E. (Org.) **Brincar & Se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança**. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2017. Cap.1, p.13-37.

MATURANA, H; VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado á democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

STAVISKI, G.; KUNZ, E. SEM TEMPO DE SER CRIANÇA: O Se-movimentar como possibilidade de transgredir uma insensibilidade para o momento presente. In: KUNZ, E. (Org.) **Brincar & Se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança**. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2017. Cap.2, p.39-70.